

Estado da arte da língua Kinikinau: estudos descritivos, sociolinguísticos e comparativos¹

State of the art of the Kinikinau language: descriptive, sociolinguistic and comparative studies

Andérbio Márcio Silva Martins²
Gabriel Barros Viana de Oliveira³

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v10i2.20980>

Recebido em junho de 2018

Aceito em julho de 2018

Resumo

Objetivamos neste estudo apresentar o estado da arte da língua Kinikinau, uma língua Aruák (cf. Aikhenvald 1999: 67) localizada atualmente no pantanal sul-matogrossense e que se encontra em estágio moribundo (menos de 7 falantes), conforme Oliveira (2017). Chamamos a atenção para a quantidade de trabalhos descritivos existentes e apresentamos alguns questionamentos acerca dos estudos comparativos, na tentativa de que sejam vistos como formas provisórias de se compreender a língua e as mudanças pelas quais passou ao longo do tempo. O artigo está dividido da seguinte maneira: na seção 1, fazemos uma pequena apresentação sobre o povo Kinikinau, sobre a situação sociolinguística crítica em que a língua se encontra e sobre a literatura linguística da língua Kinikinau; na seção 2, tratamos do que se pensava ser o único estudo dessa língua no século XIX; na seção 3, tratamos dos estudos realizados no século XX; e na seção 4, apresentamos os estudos desenvolvidos no século XXI. Por fim, na seção 5, tecemos algumas considerações finais sobre o assunto.

Palavras-chave: Língua Kinikinau. Família Aruák. Estado da arte.

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado de Oliveira (2017), com reflexões mais amadurecidas acerca do nível de vitalidade da língua Kinikinau e da quantidade e qualidade dos estudos linguísticos dessa língua até o presente. Não pretende, portanto, ser considerado o estado da arte da língua Kinikinau concluído, mas o início de um registro mais reflexivo sobre os estudos dessa língua, na expectativa de que novos estudos possam surgir, ampliando o nosso conhecimento acerca dela e da própria família linguística Aruák, da qual o Kinikinau faz parte.

² Professor do programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (PPG Letras/FACAAL/UFGD). anderbiomartins@ufgd.edu.br

³ Doutorando no programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade de Brasília

Abstract

The aim of this paper is to present the state of the art of the Kinikinau language, an Aruák language (Aikhenvald 1999: 67) currently located in the southern pantanal of Mato Grosso do Sul state. This language is in a moribund stage (less than 7 speakers) according to Oliveira (2017). We call attention to the amount of existing descriptive works and present some criticisms on the comparative studies, in order to show this studies as provisional forms of understanding the language and the changes which has undergone over time. The article is divided as follows. In section 1, we give a short presentation on the Kinikinau people, on the critical sociolinguistic situation in which the language actually is, and on the linguistic literature of the Kinikinau language. In section 2, we deal with what was thought to be the only study of that language in the 19th. In section 3, we deal with the studies made in the twentieth century. In section 4, we present the studies made in the 21st century. Finally, in section 5, we make some final considerations on the matter of the paper.

Keywords: Kinikinau language. Arawakan Family. State of the Art.

Sobre os índios Kinikinau

Os atuais índios Kinikinau são descendentes da grande nação Chané-Guaná, que habitou o Chaco Paraguai até fins do século XVIII, fixando-se posteriormente na margem oriental do rio Paraguai, em terras que viriam a se constituir território da República Federativa do Brasil (cf. Souza 2008: 23). É um povo de língua Aruák (cf. Aikhenvald 1999: 67), agricultor por excelência, com grande abertura para o outro, imbuídos de grande disposição a assimilar pessoas, símbolos e discursos exógenos (cf. Castro 2011: 58, 230-231).

Atualmente o povo Kinikinau não possui um território próprio e vive espalhado em diversas localidades do estado de Mato Grosso do Sul: na aldeia São João, RI Kadiwéu, em Porto Murtinho-MS, onde se encontra a maior parte dos membros pertencentes a essa etnia; em aldeias Terena, sendo as principais a aldeia Mãe Terra, TI Cachoeirinha, em Miranda-MS; na aldeia Cabeceira, TI Nioaque, Nioaque-MS; em centros urbanos de Mato Grosso do Sul, com destaque para Campo Grande (capital do estado), Bonito e Jardim; em fazendas espalhadas pelos municípios de Bonito e Miranda; e na retomada da fazenda Pé de Cedro, ligada a TI Taunay-Ipegue, em Aquidauana-MS. Essa distribuição dos índios Kinikinau em diferentes áreas se deve a dispersão à qual eles foram submetidos pelo Estado brasileiro logo após o fim da Guerra do Paraguai (cf. Oliveira 2017: 26-27).

A falta de um território próprio ocasionou muitas perdas ao povo Kinikinau. Uma delas foi a perda gradativa da língua materna, que atualmente se encontra moribunda⁴, contando com menos de 7 falantes. Há pelo menos três gerações a língua deixou de ser transmitida e hoje em dia não é a língua materna de

⁴ O Kinikinau foi compreendido como língua moribunda por Oliveira (2017), seguindo a proposta de classificação de Campbell (1997) para línguas que apresentam menos de dez falantes.

ninguém com menos de 60 anos (cf. Oliveira 2017: 30). Desse modo, os Kinikinau caminham a passo largo para um monolinguismo em Português, caso nenhuma política linguística surja para tentar reverter esse processo acelerado de desaparecimento. A busca por reaver o território tradicional é uma questão prioritária para esses índios, sem território próprio e sem possibilidade alguma para implementar alguma política linguística. Esse é o próprio pensamento Kinikinau (*idem*).

Ao contrário do que se tem para a literatura histórica, sociológica, antropológica e etnográfica, há pouquíssimos estudos linguísticos acerca da língua Kinikinau. Para a história desse povo, temos os trabalhos de Taunay (1940, 1948, 1997), de Castro (2005, 2010, 2011), de Silva (2011) e de Roberto (2017). Na literatura antropológica, temos os trabalhos de Silva e Souza (2003, 2005, 2008, 2017), de Silva (2007, 2014), de Santos (2009) e de Souza (2012, 2017). Para a etnografia, temos os trabalhos de Canazilles (2013), Canazilles, Alves e Matias (2013, 2015), Canazilles et al. (2013) e de Santos (2011). Há também, no âmbito da Geografia Cultural, os trabalhos de Dietrich (2012, 2014, 2015). Por fim, temos os relatos de viajantes naturalistas que durante o século XIX passaram pelo sul da então província de Mato Grosso e, de alguma forma, entraram em contato com os índios Kinikinau e registraram esses momentos: Laverger (1862), Moutinho (1869), Steinen (1940) e Castelnau (1949). Para os estudos do povo Kinikinau, há de se considerar que o mesmo foi dado como extinto a partir de meados do século XX, o que provavelmente interrompeu estudos acerca de sua história, de sua organização social, de sua cultura e, conseqüentemente, de sua língua.

No que diz respeito à literatura linguística sobre a língua desse povo, podemos afirmar que ainda é bastante escassa. Dentro desse conjunto de estudos, podemos destacar os de Fonseca (1899)⁵, Mason (1946)⁶, Loukotka (1968), Payne (1991), Campbell (1997), Aikhenvald (1999), Couto (2006, 2017), Souza (2007, 2008, 2009, 2015, 2017), Carvalho (2016) e Fabre (2017).

O trabalho de Fonseca (1899) consiste numa listagem de palavras. Os de Couto (2006, 2017) são uma dissertação de mestrado e um capítulo de livro,

⁵ Fonseca (1899) não é exatamente um trabalho sobre a língua em tela. Decidimos mantê-lo, porém, entre os trabalhos da língua Kinikinau devido unicamente à importância que teve para a hipótese da extinção dessa língua.

⁶ Embora consideremos importante ter acesso a todos os trabalhos que apresentam informações linguísticas sobre a língua Kinikinau para a realização de um estudo que tem como propósito ser o estado da arte dessa língua, não tivemos acesso ao trabalho de Mason (1946). Entretanto, sabemos por meio de outras fontes que Mason (1946), também como posteriormente Payne (1991), não apresentou alguma proposta plausível que pudesse nos ajudar a determinar, do ponto de vista histórico-comparativo, a posição da língua Kinikinau na família Aruák, algo que foi proposto mais tarde por Aikhenvald (1999) e por Carvalho (2016).

respectivamente. Os trabalhos de Souza consistem em sua tese de doutorado (2008), três artigos (2007, 2009, 2015) e um capítulo de livro (2017). Na verdade, trata-se dos únicos estudos descritivos mais completos que temos sobre a língua Kinikinau, conforme bem pontuou Oliveira (2017). Já os trabalhos de Mason (1946), Loukotka (1968), Payne (1991), Campbell (1997), Aikhenvald (1999) e Carvalho (2016) são os trabalhos de referência no que diz respeito aos estudos histórico-comparativos, nos quais são discutidos, entre outras questões, a posição da língua Kinikinau dentro da família Aruák. Cabe destacar que o trabalho de Fabre (2017) consiste apenas em um verbete de sua proposta de dicionário etnolinguístico, o qual tem servido de guia e orientação bibliográfica de povos indígenas sul-americanos. No presente artigo, apresentamos nosso olhar sobre a literatura linguística da língua Kinikinau, a fim de tentativamente estabelecermos o estado da arte do seu conhecimento linguístico.

“Primeiro estudo”: Fonseca (1899)

O estudo do coronel Severiano da Fonseca consiste em um livro memorialístico, escrito em virtude da permanência do autor na então província de Mato Grosso, devido à sua participação na Guerra do Paraguai (1864-1870) e na Comissão de Limites com a Bolívia (1875-1880). Fonseca (1899) realiza importantes descrições de Mato Grosso e de povos indígenas da região.

Sobre a língua Kikininau, apresenta uma lista com 150 palavras. Contudo, de acordo com Souza (2008), os dados lexicais coletados foram da língua Kadiwéu. Cabe ressaltar que o trabalho de Fonseca, no fim do século XIX, foi uma referência importante para a hipótese de que a língua Kinikinau tivesse desaparecido e de que seus falantes teriam passado a falar uma outra língua indígena. Em trabalho de campo realizado em 2016 entre os Kinikinau, levamos a lista de Fonseca (1899) para verificar se os últimos falantes dessa língua reconheceriam as palavras como pertencente à língua Kinikinau. Nossa iniciativa só reforçou as considerações tecidas por Souza (2008) para a questão.

Mas o fato é que Fonseca não apresentava uma formação especializada para dar conta do que hoje é o trabalho do linguista. Era médico e seu envolvimento com populações indígenas se deu em seu próprio campo de atuação. Diante disso, podemos considerar que a função de descrever a província de Mato Grosso e as populações indígenas que nela viviam foi totalmente secundária, o que lhe retirava da obrigação de realizar pesquisas de campo mais atenciosas sobre as questões linguísticas. Entretanto, isso não diminui o valor nem a genialidade e tão pouco a relevância de sua obra.

Estudos linguísticos da língua Kinikinau no século XX

Loukotka (1968)

Uma das principais obras classificatórias sobre as línguas indígenas sul-americanas, fruto de mais de trinta anos de trabalho é de autoria de Chestmir Loukotka. Seu livro surgiu por dois motivos. Primeiro, devido à insatisfação por parte desse estudioso com as classificações impressionísticas das línguas sul-americanas realizadas por seus predecessores. Segundo, pelo reconhecimento do autor em questão de uma nova abordagem metodológica iniciada por Brinton (1891). Para realizar as classificações contidas em seu livro, Loukotka se baseou numa lista de 45 palavras (possíveis cognatos). Ele colocou lado a lado as 45 palavras de línguas supostamente irmãs, comparou-as a fim de saber se tais palavras eram cognatas entre essas línguas e, de acordo com a porcentagem de possíveis cognatos compartilhados entre as mesmas, as classificou como pertencendo ou não a uma mesma família.

Estando as línguas já classificadas como pertencentes a uma mesma unidade genética, também se apoiando na contagem de palavras, o autor ainda as rotulava como “línguas puras”, “línguas com vestígios estranhos”, “línguas com intrusões estranhas” e “línguas mistas”. As classificações desse pesquisador são, portanto, baseadas em critérios predominantemente lexicais, nas quais as correspondências sonoras em pares de possíveis cognatos nem sempre eram analisados com a devida atenção e com o rigor do método histórico-comparativo, para quem fez questão de utilizá-lo como um método mais seguro para os estudos de classificação genética de línguas.

O livro se encontra dividido em cinco partes: (1) uma “Introdução”, onde Loukotka expõe as razões que o levaram a realizar a quarta edição do seu trabalho; (2) uma “Classificação”, que é um catálogo de 117 troncos linguísticos, línguas ou dialetos; (3) uma “Bibliografia”, com mais de 2.200 referências; (4) um “Index”, organizado por ordem alfabética e com todos os nomes dos povos indígenas citados ao longo da obra; (5) um “Mapa”, que aponta para a existência de 1.492 línguas, de acordo com troncos linguísticos, línguas isoladas e não-classificadas.

Em relação à língua Kinikinau (Quiniquinao/Equiniquinao), Loukotka (1968) a classifica como uma língua Aruák, pertencente ao Grupo Chané. Informa ainda que a língua foi falada nas proximidades da região de Albuquerque, mas que, à época, já era considerada uma língua de poucos falantes, usada apenas por algumas famílias no Posto Cachoeirinha em Miranda, município que atualmente faz parte do estado de Mato Grosso do Sul. Loukotka também coloca no grupo Chané as línguas Echoaladí/Choarana (extinta), Terena, faladas entre os rios Miranda e Jitui, Guaná/Layano, uma vez falada nos rios Yacaré, Galván e Paraguai, agora falada apenas no rio Miranda, e Chané/Izoceño, falada

antigamente no rio Itiyuro, Província de Salta, Argentina, mas que atualmente usa uma língua do tronco Tupí, sendo a língua Aruák ancestral apenas utilizada para cerimônias religiosas.

Payne (1991)

Trata-se de um capítulo do terceiro volume do *Handbook of Amazonian Languages*, livro seminal para o estudo das línguas amazônicas organizado por Desmond Derbyshire e Geoffrey Pullum. O objetivo do trabalho é propor uma classificação interna crível da família (Maipure) Aruák. Para lograr tal desiderato, Payne (1991: 356) compilou dados confiáveis de 24 línguas Aruák, representativas de cada ramo da família. Esses dados são dispostos em 203 etimologias, com reconstruções preliminares a partir de um conjunto de correspondências para cada etimologia.

Payne (1991: 356) considera suas reconstruções preliminares, devido ao fato de ele ter tratado com equidade as 24 línguas Aruák utilizadas para chegar à reconstrução. Payne almejou subagrupar as línguas Aruák, para, posteriormente, reconstruir os ramos da família de forma sucessiva até chegar ao Proto-Aruák, o que seria, em sua visão, a maneira metodológica desejável, fornecendo uma reconstrução extremamente sólida dessa unidade genética.

Vale ressaltar que o trabalho de Payne é de grande importância para o estudo histórico-comparativo da família Aruák. Em relação à língua Kinikinau, há apenas uma referência (página 364), onde o autor informa a língua Kinikinau como extinta e a classifica no ramo meridional, subgrupo Paraná, ao lado da língua Terena e Guaná.

Campbell (1997)⁷

O trabalho de Campbell (1997) consiste em um apanhado geral sobre o que existia de conhecimento sobre as línguas nativas americanas até aquele momento. Campbell esclarece no prefácio da obra que seu estudo poderia apresentar lacunas e que, portanto, não deveria ser visto como um argumento de autoridade, mas uma proposição estabelecida no que diz respeito às propostas de relacionamentos genéticos de línguas americanas. Seu trabalho é apresentado como um “modelo em construção, um projeto passível de alterações e em progresso” (Campbell, 2001, p. 8, tradução nossa)⁸, que não deveria, portanto, contradizer outros especialistas, mas sim estimular pesquisas

⁷ Campbell (2012), em seu trabalho classificatório das línguas indígenas sul-americanas mais recente, mantém a mesma posição em relação a língua Kinikinau encontrada aqui. Sendo este o motivo por não termos incluído seu estudo mais recente no recorte por nós realizado.

⁸ No original: “(...) a working model, representative of a changing and progressing enterprise”.

mais aprofundadas sobre os estudos de classificação linguística. Trata-se de um trabalho de referência para a linguística histórica das línguas americanas, sendo frequentemente recomendada para quem almeja estudá-las, do ponto de vista histórico-comparativo.

Em relação à língua Kinikinau, Campbell (1997) segue a classificação de Kaufman (1994) para a família Aruák, que a coloca como um dialeto da língua Terena. Assim, para Kaufman (1994) e Campbell (1997), a língua Kinikinau é uma variedade linguística da língua Terena, assim como Guaná e Chané. Para essa classificação interna, Campbell (1997) não explica se ela se deve a um critério puramente geográfico ou linguístico, como também verificamos em Kaufman (1994). Campbell vê a língua Kinikinau como uma suposta variação da língua Terena, mas não faz menção ao Chané e ao Guaná (também conhecida como Echoaladí, línguas já extintas. e assume ser a língua Terena como um grande *cluster*, contendo vários dialetos, dentre os quais Chané, Guaná e Kinikinau. Por fim, afirma que a mesma também é falada na Argentina e no Paraguai, mesmo que não tenhamos conhecimento seguro de que essas línguas realmente ainda estejam sendo faladas nesses países. Pelas fontes históricas, é possível supor que o uso dessas línguas na Argentina e no Paraguai não ocorre há pelo menos 120 anos (cf. Castro 2010: 97-101).

Aikhenvald (1999)

Trata-se de um capítulo do livro *The Amazonian Languages*, organizado pelos linguistas Aikhenvald e Dixon (1999). É o trabalho comparativo mais importante que se tem sobre a família Aruák, até o presente momento. Aikhenvald (1999) compara dados gramaticais de aproximadamente quarenta línguas da família, sendo que, para três línguas – Tariana, Baré e Baniwa – usa dados de primeira mão, a fim de mostrar a unidade genética dessa família e suas características. Apresenta também uma proposta de classificação interna da família Aruák, sendo grande peso para suas decisões o uso de orientações geográficas e não predominantemente linguísticas. Aikhenvald (1999) justifica que não utilizou o Método Histórico-Comparativo para realizar a classificação interna, provavelmente pelo fato de termos estudos descritivos em níveis de qualidade e quantidade ainda muito discrepantes dentro da família.

Em seu trabalho, também faz menção às línguas ameaçadas de desaparecimento, muitas delas sem uma documentação substancial. É preciso ainda levarmos em consideração que, entre os estudos descritivos disponíveis, é provável que haja lacunas e que muitas das conclusões podem ser revistas, como demonstrado para o Kinikinau por Oliveira (2017), no que diz respeito a aspectos da fonologia dessa língua. Evidentemente, isso também pode ser estendido para os aspectos gramaticais, a partir de novos dados e sob novas perspectivas de análise e descrição.

Cabe destacar que Aikhenvald (1999) traz pouca informação sobre a língua Kinikinau. Afinal, o único trabalho descritivo dessa língua ainda não havia sido escrito, o que só ocorreu oito anos depois da publicação da obra. Trata-se da tese de doutorado de Souza (2008), para o qual dedicamos uma seção neste artigo.

Por fim, Aikhenvald (1999) classifica a língua Kinikinau dentro do subramo Aruák Meridional, juntamente com as línguas Terena, Guané/Layana, Chané/Izoceño, Bauré, Ignaciano, Trinitario, Paiconeca, Pauna, Apolista e Salumã (Enawenê-nawê). Além disso, fundamentada em Bendor-Samuel (1966), menciona que o Kinikinau, bem como o Terena, o Guaná e o Chané usam os processos de nasalização e harmonia vocálica para marcar as primeiras e segundas pessoas. Hoje sabemos que muitos indígenas Terena, falantes de Terena, não estão de acordo com a descrição de aspectos gramaticais realizada sobre a sua língua, o que tem motivado o desenvolvimento de novos estudos linguísticos, sobretudo por próprios pesquisadores Terena. Ademais, verificamos no trabalho de Aikhenvald (1999) uma lacuna no que diz respeito à língua Guaná/Echoaladí, para a qual não é feita nenhuma menção.

Estudos linguísticos da língua Kinikinau no século XXI

Nesta seção, consideramos a apresentação dos estudos linguísticos desenvolvidos acerca da língua Kinikinau pelo nível de relevância. Por esse motivo, iniciamos com Souza (2007, 2008, 2009, 2015, 2017), por se tratar de estudos descritivos mais completos que temos disponíveis dessa língua. Em seguida, apresentamos o estudo histórico-comparativo de Carvalho (2016), por apresentar resultados que vão de encontro às políticas linguísticas que têm sido propostas para os povos indígenas no Brasil nos últimos vinte anos. Por fim, encerramos essa breve proposta de construção do estado da arte da língua Kinikinau com os estudos de Couto (2006, 2017) e com a informação etnológica disponível em Fabre (2017), uma das referências atuais acerca das línguas dos povos sul-americanos.

Souza (2007, 2008, 2009, 2015, 2017)

O primeiro estudo de Souza foi publicado em 2007. Trata-se de um recorte de sua tese de doutorado que, naquele momento, estava em vias de finalização. Souza (2007) traz informações históricas e etnográficas sobre o povo Kinikinau, incluídos deslocamentos territoriais, tipos de contatos com as forças colonizadoras e com outras sociedades indígenas, participação na Guerra do Paraguai, contexto político atual e tipos de produção artesanal. Apresenta ainda uma discussão sobre o processo de morte da língua Kinikinau, compara a lista de palavras de Severiano da Fonseca com dados coletados por ela mesma em trabalho de campo entre os Kinikinau e aponta algumas diferenças fonético-fonológicas, lexicais e sintáticas entre Kinikinau e Terena.

A tese de doutorado de Souza (2008) deve ser considerada o mais importante entre os trabalhos que versam sobre o povo e a língua Kinikinau. Sem sombra de dúvida é o primeiro trabalho descritivo mais completo que temos sobre a língua Kinikinau. Descreve aspectos da gramática e da fonologia, além de uma descrição dos aspectos sociolinguísticos e etnográficos do povo.

A tese encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, Souza (2008) reúne informações históricas e etnográficas sobre o povo Kinikinau que se encontram esparsas em fontes coloniais, além de apresentar vários dados etno-históricos de primeira mão. Com isso, a pesquisadora não quis apenas situar o seu leitor diante do povo com o qual trabalhou, mas sobretudo buscar respostas para a seguinte pergunta: por que a língua Kinikinau encontra-se à beira da extinção?

No segundo capítulo, a autora descreve aspectos do sistema fonológico da língua, focalizando especialmente a fonologia segmental. A complexa prosódia da língua foi tratada em uma análise provisória, provavelmente devido ao tempo de pesquisa para conclusão do doutorado. Entretanto, não deixa de apontar diversas questões que poderiam ser investigadas em pesquisas futuras, como a questão do alongamento das vogais, o tom e a mudança do acento dentro de uma palavra, que até aquele dado momento pareciam ser motivadas por regras ainda desconhecidas, o que foi retomado por Oliveira (2017).

O capítulo três da tese de Souza (2008) versa sobre a morfologia do nome e do verbo. Souza identifica os morfemas que compõem o nome e o verbo em Kinikinau, bem como descreve alguns processos morfofonológicos operantes nessa língua. Muitos aspectos da morfologia nominal e verbal, como bem observados pela própria pesquisadora, precisam ser vistos com maior cuidado, como a questão dos classificadores e dos verbos auxiliares. Uma questão que verificamos neste capítulo é o fato de Souza estabelecer como parâmetro predominante para identificar a categoria de nomes, um critério notavelmente sintático, que é a construção de sintagmas nominais. Por fim, no quarto capítulo, a autora descreve aspectos da sintaxe do Kinikinau – ordem de constituintes, tipos de predicado, de sentenças e a distinção entre sentenças simples e complexas.

Souza inclui em sua tese anexos que contêm uma lista de palavras Kinikinau-Português (com as respectivas transcrições fonéticas), resultado de seu intenso trabalho de campo, e uma lista de palavras extraída de Fonseca (1899), comparando-a com dados da língua Kadiwéu e com dados da língua Kinikinau, além de uma coletânea de histórias da literatura infantil brasileira em Kinikinau-Português, traduzidos por falantes Kinikinau.

Os trabalhos que se seguem de Souza (2009, 2015, 2017) são recortes de sua tese de doutorado. Souza (2009) trata de pesquisas produzidas nos campos dos estudos linguísticos e literários e traz informações históricas e etnográficas sobre os Kinikinau. Discute sobre o avançado processo de morte da língua e

chama atenção para a atual situação crítica do povo desprovido de suas terras tradicionais.

Em seu trabalho publicado em 2015, Souza trata do processo de marcação de concordância de pessoa e número em nomes e verbos na língua Kinikinau e descreve os morfemas de marcação de concordância com o objeto e os morfemas reflexivos.

Para Souza (2015), os nomes e verbos são marcados da mesma forma para pessoa e número: a terceira pessoa é não-marcada; a primeira pessoa do singular é marcada por um traço [+ nasal]; a primeira pessoa do plural é marcada pela prefixação de {w-} à raiz verbal e nominal; e a segunda pessoa (singular e plural) é marcada pela prefixação de {y-}. Os morfemas de marcação de concordância com o objeto: 1ª pessoa do singular {-nu}; 2ª pessoa do singular {-pi}; 2ª pessoa do plural {pi-} + hiko; 3ª pessoa do singular {a-}; 3ª pessoa do plural {a-} + hiko; e 1ª pessoa do plural {-owi}. Mostra que a língua Kinikinau distingue três morfemas reflexivos: um morfema reflexivo afirmativo {-wo}, um morfema reflexivo negativo {-pu} e um morfema recíproco {-koko}.

Em Souza (2017), temos um outro recorte de sua tese de doutorado, em que reúne diversas informações novas acerca da história recente do povo e de sua realidade atual. Chama a atenção para o nível de vitalidade crítico da língua Kinikinau (menos de 10 falantes) e para os vários problemas que esse povo atualmente enfrenta para reverter esse diagnóstico terrível, como novas migrações dos Kinikinau para diversas localidades, entre terras de outras etnias e centros urbanos, o que faz com que se torne cada vez mais difícil o estabelecimento de uma comunidade de fala e que coloca os pouquíssimos falantes da língua Kinikinau em contato com outros idiomas indígenas e com a língua portuguesa. Souza ressalta o problema da falta de um território próprio para os Kinikinau, a existência de políticas públicas pouco comprometidas com as populações indígenas, o que impacta enormemente a situação atual desse povo. Por fim, ressalta a importância de esses indígenas, principalmente aqueles que já se formaram em um curso superior, lutarem para o fortalecimento e revitalização de seu idioma ancestral, pois há muito a ser feito para que não deixe de ser falado.

Carvalho (2016)

Trata-se de um trabalho histórico-comparativo que tem como objetivo fortalecer a hipótese de que as línguas Chané-Guaná (Terena, Kinikinau, Layana e Guaná) são, na verdade, uma só língua, a qual o autor optou por denominar de Terena. Segundo Carvalho (2016), erradicando os rótulos Chané, Guaná e Kinikinau das classificações linguísticas da região Chaco-Pantanal, evitaríamos muitos problemas de análise que nos induziriam a ter um entendimento errado da história dos povos indígenas incluídos em sua proposta de trabalho.

Em seu estudo, estabelece uma comparação do Kinikinau, a partir dos dados disponíveis em Souza (2008), com a língua Terena, utilizando dados publicados por Bendor-Samuel (1961a, 1961b), Eastlack (1968), Ekdahl e Butler (1969, 1979), Rosa (2010) e Silva (2013). Entretanto, a comparação conta com poucos dados linguísticos. Mesmo já estando disponíveis vocabulários da língua Kinikinau, como o que consta nos anexos da tese de Souza (2008), e de propostas de dicionários da língua Terena, como o de Silva (2013). Carvalho (2017) não realiza, portanto, uma comparação lexical expressiva entre essas duas línguas. Seu foco é apresentar evidências gramaticais, restringindo o estudo aos pluralizadores. Cabe destacar que a forma de marcar a ideia de plural pode variar significativamente, mesmo entre línguas geneticamente relacionadas, como foi verificado por Martins (2011: 242-251). Entretanto, é com base nesse aspecto que Carvalho (2016) imprime um posicionamento acerca da hipótese de que Terena e Kinikinau podem ser tratados como se fossem uma única língua e tece críticas à visão defendida por Souza (2008), segundo a qual Kinikinau e Terena deveriam ser consideradas como línguas distintas.

Couto (2006, 2017)

A dissertação de mestrado de autoria de Couto (2006) consiste em um estudo sociolinguístico da língua Kinikinau, fundamentado em um levantamento da realidade sociolinguística da comunidade localizada na aldeia São João. Apresenta também uma breve descrição de aspectos da gramática e um estudo comparativo entre Kinikinau e Terena.

Sem dúvida alguma o trabalho de Couto (2006) possui mérito e importância inegáveis e foi um dos primeiros trabalhos linguísticos voltados exclusivamente para essa língua. Contudo, o estudo apresenta algumas inconsistências, como número superestimado de falantes da língua Kinikinau.

Couto (2017) contribui com um capítulo do livro *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, organizado por José da Silva, Bolzan e Souza (2017), uma obra que visa reunir um verdadeiro inventário investigativo sobre a sociedade indígena Kinikinau e que foi pensada para a celebração dos vinte anos da publicação de uma notícia de jornal da Tribuna Popular (Bonito, 10 de maio de 1996), que relatava a “descoberta” dos Kinikinau. O capítulo de autoria de Couto

apresenta os resultados de sua pesquisa sociolinguística e o seu vocabulário comparativo entre Kinikinau e Terena, com vistas à divulgação científica dos principais resultados de sua pesquisa de mestrado, defendida no ano de 2006.

Oliveira (2017)

Em sua dissertação de mestrado, Oliveira (2017) descreve aspectos sociolinguísticos e fonológicos da língua Kinikinau, apresenta uma etnografia

atual do povo, com vistas a mostrar a sua situação socioeconômica e política. O seu estudo sociolinguístico fundamenta-se em abordagem etnográfica, no qual focaliza questões como: Por que a língua Kinikinau está deixando de ser falada? O que a motivou chegar a esse nível crítico de vitalidade? Por que os falantes não a transmitem para as gerações mais novas? A língua Kinikinau pode voltar a ser falada em toda a sua potencialidade comunicativa? Apresenta também um estudo fonológico da língua, revisando aspectos tratados por Souza (2008), com foco no inventário de fones vocálicos e consonantais, seguido de interpretação fonológica dos sons, com destaque à análise do tom e do alongamento de vogais.

Fabre (2017)

Trata-se do mais completo e atualizado dicionário etnolinguístico e guia bibliográfico dos povos indígenas sul-americanos. Há um capítulo dedicado exclusivamente ao tronco Arawák(-Maipure), onde o autor reúne o que há de mais recente em pesquisas linguísticas envolvendo as línguas Aruák ainda faladas.

Em relação à língua Kinikinau, Fabre (2017) a coloca dentro do verbete da língua Terena. O posicionamento expresso por ela, com base provavelmente nas fontes consultadas, é que a língua Kinikinau segue como uma variante da língua Terena, tendo sido, inclusive, considerada extinta, mas que hoje sabemos que continua sendo falada por alguns anciãos Kinikinau, conforme Oliveira (2017).

Algumas observações adicionais

Verificamos que a literatura linguística sobre povo Kinikinau continua bastante escassa. Se a língua não estivesse à beira da extinção, tal fato não acarretaria uma grande preocupação. No entanto, levando em consideração o estado crítico em que ela se encontra, se nada for feito para resolver o maior problema do povo Kinikinau, que é o retorno para seu território tradicional, a língua fatalmente adormecerá (Oliveira 2017).

Trabalhos descritivos, com dados de primeira mão, frutos de trabalho de campo, disponíveis para a comunidade Kinikinau, resumem-se aos trabalhos de Souza (2008, 2009, 2015, 2017), Couto (2006, 2017) e ao de Oliveira (2017).

Os trabalhos de natureza histórico-comparativa que fazem menção à língua Kinikinau não se referenciam em estudos comparativos aprofundados que contemplem um conjunto de dados relevantes da língua Kinikinau, além de considerá-la como extinta (Mason 1946; Loukotka 1968; Payne 1991; Campbell 1997).

Vimos também outros trabalhos, baseados em alguns indícios, resultantes de estudos comparativos, estes fundamentados nos trabalhos descritivos disponíveis, tanto para a língua Kinikinau quanto para o Terena, o que tem sido

constatado pelos próprios Terena nos últimos anos. À prova disso é o interesse de indígenas dessa etnia em realizar estudos linguísticos que possam ampliar os estudos descritivos de sua própria língua.

Não podemos deixar de mencionar que estudos científicos foram utilizados como discurso de autoridade para fundamentar a extinção do povo Kinikinau, conforme destaca Oliveira (2017). Por quase meio século essa língua foi dada por extinta, ideia reforçada por opiniões de antropólogos na década de 1970, que compreendiam o ser indígena como um estágio transitório e defendiam a ideologia da aculturação.

Mas o caso do Kinikinau é bastante peculiar. O povo está vivo, há falantes, o povo possui uma identidade, o que o torna único, embora esteja fragmentado (Oliveira 2017). Considerar a língua Kinikinau uma mera variedade da língua Terena é repetirmos na ciência o que a sociedade parece fazer em todas as situações quando nos referimos a povos indígenas.

Além disso, o povo Kinikinau quer voltar a falar a língua na sua plenitude, conforme constatou Oliveira (2017), e o estudo sociolinguístico realizado recentemente demonstra haver a possibilidade, ainda que remota, de uma revitalização. Assim, ao invés de sufocar o que está tentando sobreviver, é necessário lutar por políticas que viabilizassem a revitalização dessa língua.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. 1999. The Arawak language family. In R.M.W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). *The Amazonian Languages*, pp. 65-105. Cambridge: Cambridge University Press.
- Anchieta, Joseph de. 1595. *Arte de grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil*. Coimbra: Antonio de Mariz.
- Bendor-Samuel, John. 1961a. An outline of the gramatical and phonological structure of Terêna. (Part 1. Arquivo Linguístico 090). Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL).
- Bendor-Samuel, John. 1961b. An outline of the gramatical and phonological structure of Terêna. (Part 2. Arquivo Linguístico 091). Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL).
- Bendor-Samuel, John. 1966. Some prosodic features in Terena. In R. H. Robins (ed.). In memory of J. R. Firth, pp. 348-355. Londres: Longmans.
- Brinton, Daniel. 1891. *The American race*. Nova York: Hodgges Publisher.
- Campbell, Lyle. 1997. *American Indian Languages: The historical linguistics of Native America*. Oxford: Oxford University Press.
- Campbell, Lyle. 1998. *Historical Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Campbell, Lyle. 2012. Classification of the indigenous languages of South America. In Lyle Campbell; Verónica Grondona (eds.). *The indigenous of South America: a*

- comprehensive guide*, pp. 59-166. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Canazilles, Karolinne Sotomayor A.. 2013. A produção e comercialização do artesanato Kinikinau em Mato Grosso do Sul. (Dissertação de mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional). Campo Grande, Mato Grosso do Sul: UNIDERP.
- Canazilles, Karolinne Sotomayor A.; Santos, Karen Silva; Matias, Rosimary; Bono, José Antônio M.; Alves, Gilberto L.. 2013. Qualidade da água empregada na confecção do artesanato cerâmico Kinikinau, Mato Grosso do Sul. *Anais do V Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade*, pp. 52-62, Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.
- Canazilles, Karolinne Sotomayor A.; Alves, Gilberto L.; Matias, Rosimary. 2013. Os Kinikinau: trajetória histórica e a reinvenção do artesanato. *Albuquerque* 5: 99-120.
- Canazilles, Karolinne Sotomayor A.; Alves, Gilberto L.; Matias, Rosimary. 2015. Comercialização do artesanato Kinikinau na cidade ecoturística de Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Pasos* 13: 1171-1182.
- Carvalho, Fernando Orphão. 2016. Terena, Chané, Guaná and Kinikinau are one and the same language: Setting the Record Straight on Southern Arawak Linguistic Diversity. *LIAMES. Línguas Indígenas Americanas* 16: 39-57.
- Castelnu, Francis. 1949. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2 v.
- Castro, Iara Quelho de. 2005. Nas lutas pela defesa de direitos, as alianças possíveis: os Kinikinau no movimento indígena. Londrina: Simpósio.
- Castro, Iara Quelho de. 2010. De Chané-Guaná a Kinikinau: da construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência. (Tese de doutorado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- Castro, Iara Quelho de. 2011. Os Chané-Guaná e os europeus na constituição do Gran Chaco Colonial. *Anais do Simpósio Nacional de História*, pp. 6-11. São Paulo: ANPUH.
- Couto, Valéria Guimarães de Carvalho. 2006. A língua Kinikinau: estudo do vocabulário e conceitos gramaticais. (Dissertação de mestrado em Letras). Três Lagoas, Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Couto, Valéria Guimarães de Carvalho. 2017. KINIKINAU: um recorte sociolinguístico. In Giovanni José da Silva; Ayla Vilela Bolzan; Rosaldo A. Souza (eds.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, pp. 115-134. Curitiba: Editora CRV.
- Dietrich, João Evaldo Ghizoni. 2012. A identidade Kinikinau como máquina de guerra para a ocupação e manutenção territorial no Mato Grosso do Sul. (Monografia de graduação em Geografia). Jardim, Mato Grosso do Sul: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
- Dietrich, João Evaldo Ghizoni. 2014. Territorialidade Kinikinau: estudo sobre a desterritorialização/territorializanteda etnia. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Vitória, Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo.

- Dietrich, João Evaldo Ghizoni. 2015. Identidade Kinikinau como máquina de guerra para a ocupação e manutenção territorial no Mato grosso do Sul. (Dissertação de mestrado em Geografia). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados.
- Eastlack, Charles. 1968. Terema (Arawakan) pronouns. *International Journal of American Linguistics* 34: 1-8.
- Ekdahl, Muriel; Butler, Nancy. 1969. Terêna dictionary. (Arquivo Linguístico 069). Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL).
- Ekdahl, Muriel; Butler, Nancy. 1979. Aprenda Terêna. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL).
- Fabre, Alain. 2005. Dicionário etnolingüístico e guia bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Disponível em (<http://www.ling.fi/Entradas%20dicionario/Dic=Arawak.pdf>). (Acesso 11/03/2017).
- Figueira, Luis. 1687. *Arte de grammatica da lingua brasilica*. Lisboa: Miguel Deslandes.
- Fonseca, João Severiano da. 1899. *Voyage autour du Brésil*. Edition pour les Américanistes. Rio de Janeiro: Librairie A. Lavignasse Filho & C..
- Hock, Hans Henrich. 1991. *Principles of historical linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- José da Silva, Giovanni. 2007. Ressurgidos, emergentes, resistentes: reflexões sobre as presenças indígenas Atikum, Kamba e Kinikinau em Mato Grosso do Sul. *Anais da 5ª Semana de História*, pp. 87. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- José da Silva, Giovanni. 2014. *Histórias de admirar: os Kinikinau*. Aquidauana, Mato Grosso do Sul: Jornal O Pantaneiro.
- José da Silva, Giovanni.; Souza, José Luis. 2003. O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinau em MS. *Sociedade e Cultura* 6(2): 50-60.
- José da Silva, Giovanni.; Souza, José Luis. 2005. O Curso de Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinau: limites e avanços de uma experiência pedagógica intercultural. *Anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil*, pp. 30. Campinas: Unicamp.
- José da Silva, Giovanni.; Souza, José Luis. 2008. História, etnicidade e cultura em fronteiras: os Kinikinau em Mato Grosso do Sul. In Luís M Rocha; Sérgio G. Baines (eds.). *Fronteiras e espaços interculturais*, pp. 33-50. Goiânia: UCG.
- José da Silva, Giovanni.; Souza, José Luis. 2017. A diáspora Kinikinau: a trajetória histórica de um grupo indígena “extinto” (Séculos XX e XXI). In Giovanni José da Silva; Ayla Vilela Bolzan; Rosaldo A. Souza (eds.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, pp. 167-177. Curitiba: Editora CRV.
- Kaufman, Terrence. 1990. Language history in South America: what we know and how to know more. In David Payne (ed.). *Amazonian Linguistics – studies in lowland South American languages*, pp. 13-73. Austin: University of Texas Press.
- Laverger. 1862. Diário do reconhecimento do rio Paraguai desde a cidade de Assunção até o Paraná, 1845. *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* 25: 222.

- Loukotka, Chestmir. 1932. La familia Kamakan del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán* 1(2): 493-524.
- Loukotka, Chestmir. 1968. *Classification of South American Indian languages*. (Reference Series 7). Los Angeles: University of California.
- Mason, John Alden. 1946. The languages of South American indians. In Julian Steward (ed.). *Handbook of South American Indians*, pp. 157-317. Washington: Government Printing Office.
- Montoya, Antonio Ruiz de. 1639. *Tesoro de la lengua guarani*. Madrid: publicado por Luan Sánchez.
- Montoya, Antonio Ruiz de. 1640. *Arte, y vocabulario de la lengua guarani*. Madrid: publicado por Luan Sánchez.
- Moutinho, Joaquim Ferreira. 1869. *Noticia sobre a província de Matto Grosso: seguida d'um roteiro da viagem da sua xcapital a' S. Paulo*. São Paulo: Typografia de Henrique Schroeder.
- Payne, David L.. 1991. A classification of maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Desmond Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of amazonian languages*, vol. III, pp. 355-499. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Roberto, Inácio. 2017. Povo Indígena Kinikinau. In Giovanni José da Silva; Ayla Vilela Bolzan; Rosaldo A. Souza (eds.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, pp. 161-165. Curitiba: Editora CRV.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1999. Macro-Jê. In R.M.W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). *The Amazonian Languages*, pp. 164-206. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rosa, Andréa M.. 2010. Aspectos morfológicos do Terena (Aruák). (Dissertação de Mestrado em Linguística). Belo Horizonte, Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Santos, Lucicleide Gomes (2009). Os Kinikinawa: uma etnia em processo de afirmação étnica. *Anais do IV Congresso Internacional de História*, pp. 4705-4716. Maringá, Paraná: CHICHETC.
- Silva, Denise. 2013. Estudo lexicográfico da língua Terena. (Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara, SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.
- Silva, Verone Cristina da. 2001. Missão, aldeamento e cidade: os Guaná entre os Albuquerque e Cuiabá. (Dissertação de Mestrado em História). Cuiabá, Mato Grosso: Universidade Federal de Mato Grosso.
- Souza, Ilda de. 2007. *Índios Kinikinau: aspectos etnolinguísticos*. *Tellus* 7: 103-133.
- Souza, Ilda de. 2008. Koenukunoe Emo 'u: a língua dos índios Kinikinau. (Tese de doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

- Souza, Ilda de. 2009. Kinikinau: uma língua à beira da extinção. *Guavira Letras* 8: 149-165.
- Souza, Ilda de. 2015. Concordância: verbos e nomes na língua Kinikinau. Web-Revista *SOCIODIALETO* 5: 112-134.
- Souza, Ilda de.. 2017. KINIKINAU: a língua silenciada. In Giovanni José da Silva; Ayla Vilela Bolzan; Rosaldo A. Souza (eds.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, pp. 71-96. Curitiba: Editora CRV.
- Souza, Rosaldo A.. 2012. Sustentabilidade e processo de reconstrução identitária entre o povo indígena Kinikinau (Koinukunôen em Mato Grosso do Sul). (Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Sustentável, modalidade: Sustentabilidade junto a Povos e Terras Indígenas. Brasília: Universidade de Brasília.
- Souza, Rosaldo A. Sustentabilidade na reconstrução identitária do povo indígena Kinikinau. In Giovanni José da Silva; Ayla Vilela Bolzan; Rosaldo A. Souza (eds.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, pp. 135-160. Curitiba: Editora CRV.
- Steinen, Karl von der. 1940. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Dep. De Cultura.
- Taunay, Alfredo D'Escragnolle. 1940. *Entre nossos índios: Chanés, Terenas, Kinikinaus, Guanás, Laianas, Guatós, Guaycurus, Caingangos*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- Taunay, Alfredo D'Escragnolle. 1948. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: IPE.
- Taunay, Alfredo D'Escragnolle. 1997. *A Retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Thomason, Sarah G.; Kaufman, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. 1988. Los Angeles: University California Press.